



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA SEMANA DE EDUCAÇÃO DA ABE - 1928¹

Edivaldo Góis Júnior
Leonardo Mattos Motta Silva

RESUMO

O artigo examina a presença da educação física no evento A Semana de Educação, realizado nas escolas primárias do Rio de Janeiro em 1928. Para isto utilizou como fontes: Relatório de atividades, correspondências, Boletim da ABE, relatório de atividades das escolas, relatório da Diretoria Geral de Instrução Pública e jornais. Concluiu-se que a educação física não participou de modo formal e sim informal.

PALAVRAS-CHAVE: educação física; semana de educação; higiene.

INTRODUÇÃO

Em 1928 a Associação Brasileira de Educação (ABE), sob forte influência da cultura norte-americana, realiza em solo brasileiro um evento de caráter nacional e anual denominado Semana de Educação (SE) ou Semana Brasileira de Educação.

Pouco se sabe sobre a SE. Nas pesquisas realizadas nas plataformas acadêmicas, o único trabalho referente ao evento é um trabalho completo apresentado em congresso, que tem como objetivo: uma aproximação da 1^o Semana de Educação através das correspondências trocadas pela ABE com diversas entidades sociais (SIMONINI, 2006). Alguns trabalhos chegam a citar a Semana de 1928 como fonte (CARVALHO, 1998); (LINHALES, 2009); (MARTINS 2010) e, mas nenhum, efetivamente, tem as SEs como objeto de estudo². Estes trabalhos deixam claro que o evento foi importado dos Estados Unidos em 1928, onde cada dia da semana era destinado a um tema e seu alvo eram as crianças do ensino primário. Para Carvalho (1998, p. 64), “as Semanas de Educação foram sem dúvida, na década de 20, iniciativas tanto ou mais privilegiadas pelos membros do Conselho Diretor [da ABE] que as Conferências Nacionais [de Educação]”. Destarte buscamos elucidar, através de fontes inéditas, qual o papel atribuído à Educação Física na SE? e como ela se materializou na prática?

¹ O presente trabalho contou com o auxílio financeiro da FAEPEX-UNICAMP.

² Locais pesquisados: Banco de Teses da Capes e periódicos relacionados à história da educação.



Tínhamos como hipótese que, pela grandiosidade do evento, somado ao contexto de regeneração e fortalecimento do povo Brasileiro e a tentativa de unidade nacional, à Educação Física seria conferido um papel de destaque.

FONTES E METODOLOGIA

Para o estudo deste problema foi utilizado diferentes tipos de fontes, pois para Aróstegui, “o ideal para uma grande pesquisa é o uso das mais variadas fontes e a confrontação sistemática entre elas” (2006, p. 494). O nosso corpo documental é composto de quatro grupos distintos que se complementam, são eles: documentos abeanos, documentos da Diretoria Geral de Instrução Pública, relatórios escolares e artigos de jornais³.

Os documentos encontrados no acervo da ABE, referentes a SE, são: Atas do conselho diretor, Programa de atividades, Relatório de atividades, correspondências, Boletim da ABE⁴, relatório de atividades das escolas⁵ e relatório da Diretoria Geral de Instrução Pública. Os artigos de jornais foram buscados na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

As fontes foram analisadas através da crítica interna de Antoine Prost

O método crítico visa responder de onde vem o documento? Quem é o autor? Como foi transmitido e conservado? O autor é sincero? Terá razões conscientes ou não, para deformar o testemunho? Diz a verdade? Sua posição permitir-lhe-ia dispor de informações fidedignas? Ou implicaria o uso de algum expediente? (PROST, 2008: 59)

Assim encaramos as fontes como depoimentos voluntários que “são constituídos para a informação de leitores, presentes ou futuros” (PROST, 2008, p. 59). Quanto as atas, é importante ressaltar que havia um secretário com a função de anotar o que foi debatido em plenária, discutido e acordado durante as reuniões, muitas vezes o secretário era nomeado antes da reunião, ou seja, era um integrante do conselho, isto nos leva a pensar que mesmo sendo um documento original passou por um filtro de, (interesses, desejos, vontades ou mesmo falta de atenção e fadiga) na sua redação, o que talvez tenha mudado um pouco os discursos apresentados nas reuniões, mas vale lembrar que ao final de todas as reuniões os participantes assinavam as atas o que se supõe que estavam de acordo com o que foi escrito. Quanto aos relatórios, como vimos, temos três tipos e acreditamos serem importantíssimos, pois temos três visões distintas da semana. Importante deixar claro que alguns diretores das

³ O que tentamos separar é a origem de cada documento.

⁴ Simples noticiário das iniciativas da ABE com o intuito de angariar adeptos (CARVALHO, 1998).

⁵ Relatório organizado pelas diretoras das escolas e enviado à ABE.



escolas, eram integrantes da ABE e levando em consideração a importância deste evento não podemos ser ingênuos e não desconfiar do que foi escrito nos relatórios, pois assim como nas atas o relator possui um filtro de (interesses, desejos, vontades ou mesmo falta de atenção e fadiga). Quanto ao Boletim da ABE, serviam como um canal de comunicação com a sociedade, mas como esclarece Chartier (2002), os livros não são de forma alguma, escritos e sim manufaturados e assim possuem intencionalidades, sentidos que competem a quem os idealizou, logo as revistas e boletins não eram simples noticiários.

Por fim, em relação aos periódicos, recorreremos à “Hemeroteca Digital” da Biblioteca Nacional, e identificamos 23 periódicos que traziam em suas manchetes algum informe sobre a Semana de Educação, destes apenas 11 trouxeram manchetes referentes à educação física ou saúde. Dentre estes 11 utilizaremos 6 manchetes. Ao olharmos para as fontes impressas procuramos entendê-las como formadoras de opinião que segundo Vieira,

A, rigor esses meios de comunicação de massa reivindicam a representação da denominada opinião pública, expressão que tem sua história associada à história da imprensa e que visa denotar as posições que – independentes de visões religiosas ou políticas, interesses de classe, etnia ou gênero – expressam os mais amplos, profundos e legítimos interesses públicos e comunitários. (2007: 14).

Logo, procuramos situar as fontes como feixes de relações entre o que nos dizem os documentos “abeanos” e o que a imprensa como “representante” do público nos mostra, e assim, podermos confrontar as informações, pois a imprensa permite uma proximidade com o acontecimento, uma ampla experiência cidadina que vai dos personagens ilustres aos anônimos, do cotidiano ao evento (VIEIRA, 2007) mas, entendemos que há uma intencionalidade, que a imprensa periódica seleciona, ordena e estrutura aquilo que elegeu como informação publicável, periódicos não são obras solitárias, e sim projetos coletivos que tentam introjetar no público crenças, valores e ideias sobre aquilo que foi publicado (LUCA, 2005).

Assim, os documentos da ABE como os jornais não foram tratados como reveladores da realidade em si, e sim como documentos que comungam da tendenciosidade, expressando o olhar de quem o(s) produziu, para então, compreendermos à intenção de defender, criar ou acabar com estratégias discursivas de interesses pessoais ou coletivos visando determinado objetivo, pois

Todas as versões dos fatos, obtidas em diferentes fontes, concordam absolutamente neste aspecto e, mais importante que isso, nada justifica a



suspeita de que estas sejam verdades “fabricadas” pelos agentes sociais que produziram estas fontes (CHALHOUB, 2012, p. 39)

Posto isto, acreditamos que, com a observação sistemática entre as fontes podemos esclarecer possíveis significados, ou contradições que são produzidas por essas fontes (autores) (CHALHOUB, 2012).

RIO DE JANEIRO E A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO DÉCADA DE 20

O Rio de Janeiro tinha um total de 1.164 km², deste total 164 km² correspondiam à área urbana, subordinada a administração municipal. O Rio ainda contava com 1.157.873 habitantes que se distribuía de forma descompassada (SILVA, 2009). A capital contava com uma “estrutura social muito complexa, aonde, podia se localizar setores menos dependentes das classes agrárias, incluindo a classe média profissional e burocrática e militares de carreira” (FAUSTO, 2012, p. 168). Segundo Sevckenko (2010), a cidade ainda com desenhos coloniais, não era compatível com a ideia de modernização que se desejava, já que ela era assolada por epidemias (febre amarela, tifoide, tuberculose, varíola, entre outras). O Rio de Janeiro era conhecido como o “o túmulo dos estrangeiros” (idem, p.63).

Com a República, o Brasil se viu próximo da transformação, de um país atrasado em um país moderno, “a República deveria ter ordem e também progresso. Progresso significava a modernização da sociedade através da ampliação dos conhecimentos técnicos, do industrialismo, da expansão da comunicação” (FAUSTO, 2012 p.140). A revolução tecnológica e científica da segunda metade do século XIX veio consagrar a hegemonia europeia, e logo mais, a norte-americana sobre um contexto mais global, “que viu seus modos de vida, usos, costumes, forma de pensar, ver e agir transformados em modelos inspiradores de novas guinadas culturais” (SALIBA, 2012, p. 239). Segundo Schwarcz (2012) o modelo preconizado pela República se baseou na exclusão de vários setores da sociedade, priorizando uma nova modernidade e racionalidade, mas “a República de 1889 não havia cumprido com os sonhos e utopias de liberdade, igualdade e cidadania” (idem, p. 36).

No Brasil, em especial em algumas capitais do país, as últimas décadas do século XIX demarcaram um processo impregnado de profundas e rápidas transformações, dentre as quais o fenômeno urbano, intimamente ligado à instauração do processo de industrialização. As cidades apresentam-se como centros de atividades comerciais e fabris, bem como de uma série de serviços próprios da vida urbana, envolvendo crescentes contingentes populacionais [...]. O crescimento imprevisto e desorganizado das cidades trouxe à tona expressivos problemas de gestão das condições de vida, dos



meios de existência e das populações citadinas (STEPHANOU, 1997, p. 151)

A falta de infraestrutura básica como saneamento, moradia, coleta de lixo, geravam a proliferação de doenças. “A densidade urbana e as crescentes conexões econômicas entre ricos saudáveis e pobres doentes intensificaram e ampliaram os efeitos externos das adversidades individuais a ponto de torna-se quase impossível o simples isolamento” (HOCHMAN, 2006, p. 27-28). “O povo selvagem, incivilizado, bruto suscitava inquietações e mal estar nos setores mais privilegiados da sociedade”. (RAGO, 2014, p.86). Segundo Schwarcz (2012), o governo tentou através da segregação social lidar com os problemas de contato das classes mais abastadas com os mais destituídos, problema que não pôde ser resolvido, pois o Rio de Janeiro crescia muito e em pouco tempo. Tornava-se necessário pensar em novas ações. Não cabiam mais, políticas punitivas era necessário persuadir, através da educação.

Foram propostas diversas intervenções sociais que buscavam remodelar os comportamentos e hábitos da população, entre elas a medicina social o higienismo, que tinha em seu bojo a proteção da população os higienistas buscavam reformar, regenerar e reeducar a população, tornando necessário “instituir hábitos moralizados, costumes regrados, em contraposição às práticas promíscuas e anti-higiênicas” (RAGO, 2014, p. 86) “higienizando os papéis sociais” (Idem, p. 87).

É neste cenário que um grupo de intelectuais cariocas formado por, Heitor Lyra da Silva, Everardo Backeuser, Edgar Süsserkind de Medonça e Francisco Venâncio Filho, idealizam uma Federação de Associações de Ensino, mas por conta do sucesso da Revolução paulista – donde nasceria a coluna Prestes (FAUSTO, 2012) - optam por um partido político denominado Acção Nacional. Com o revés da revolução e a intensa repressão no Rio de Janeiro, o grupo decide formar a Associação Brasileira de Educação, que é fundada no Rio de Janeiro em 15 de maio de 1924 (CARVALHO, 1998). A ABE teria como objetivos pedagógicos: “Promover no Brasil a difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os ramos e cooperar em todas as iniciativas que tendam, direta ou indiretamente, a esse assunto”. A associação passa a funcionar como uma espécie de canal de expressão onde os intelectuais do período passam a difundir suas ideias, em meio a um governo ausente no que diz respeito a políticas públicas.

[...] a República provocou uma espécie de ameaça à unidade nacional, pela tensa combinação de dois fatores singulares: por um lado, a forte ação política das oligarquias regionais sempre a desconfiar/almejar o poder central; por outro, a baixa institucionalidade, ou seja, a fragilidade (quando não ausência) de canais de expressão e de participação capazes de agregar e fazer representar necessidades plurais conflitantes, presente na sociedade. Nesse cenário, diferentes grupos da elite intelectual e política, mobilizados por variados interesses e identidades, constituíram, então, seus lugares de produção e circulação cultural – seus lugares de sociabilidade. (LINHALES, 2009, p. 80)

Importante frisar que a ABE passa a ser um difusor de ideias da elite. Segundo Carvalho (1998) a associação não mediou concessão de direitos ao povo, era um projeto de educação de cima para baixo que deveria ser dirigido pela elite, que claro não se utilizou da educação como mobilidade social, e sim, como conformação social. Na ABE um grupo de intelectuais que se autodenominou como ‘elite’, teria a incumbência de organizar o país. “Construiu, portanto, representações de seu outro – “o povo” – que programou moldar segundo seus desígnios particulares” (CARVALHO, 1998, p. 39). Pela ABE, como parte desta “elite”, transitavam médicos, políticos, intelectuais engenheiros, advogados, militares e professores.

Neste cenário que a educação é alçada como a única capaz de colocar o Brasil nos trilhos do progresso, pois esta seria a responsável por todos os outros problemas nacionais. Na frase do médico Miguel Couto, presidente honorário da ABE, “No Brasil só há um problema nacional, a Educação do Povo” é possível identificarmos o que foi o entusiasmo pela educação (CARVALHO, 1998); (NAGLE, 1974). A ABE através da sua elite formadora, buscava caminhos e estratégias para inculcar uma nova educação popular, que privilegiava a conformação dos indivíduos à uma sociedade idealizada como próspera e moderna.

Se em 20 houve propostas “modernizadoras”, seu sentido não foi o de “acessar a educação como forma de mobilidade e ascensão social para as classes populares”. Articuladas no âmbito de um projeto de construção da “nacionalidade”, tais propostas privilegiaram não a satisfação de uma demanda da população e sim a efetivação de um particular projeto da sociedade. (CARVALHO, 1998, p. 26)

Logo, a ABE se legitima na cidade do Rio de Janeiro e vai ter como objetivo uma ação disciplinar pautada no civismo e na moral. “Tratava-se de organizar um amplo movimento de opinião pública, voltado para questões educacionais e, para tal fim, o discurso cívico e a propaganda educação eram recursos principais” (Idem, p. 60). “O propósito era dar visibilidade pública aos comportamentos e condutas consideradas moralmente exemplares no



cotidiano urbano da cidade do Rio de Janeiro” (LINHALES, 2006, p. 94). Neste sentido a ABE promoveu diversas conferências, palestras, cursos, as Conferências Nacionais de Educação e as Semanas de Educação.

VAI PELA PRIMEIRA VEZ E SOBRE OS AUSPÍCIOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, REALIZAR-SE NO BRASIL A SEMANA DA EDUCAÇÃO⁶

O jornal “A Esquerda” em 4 de maio de 1928, publica que o norte-americano e professor de economia, sr Glen Levin Swigget havia desembarcado no Brasil com o intuito de estudar as condições da economia política dos países da América do Sul. Swigget era membro da National Education Association⁷ e teria outros assuntos a tratar aqui no Brasil. De fato, ao olharmos o Boletim da ABE percebemos que a associação possuía uma forte ligação com o exterior, pois no informativo havia uma seção intitulada “ABE no exterior” que com artigos em francês, inglês e português tratava de noticiar as atividades sobre educação que percorriam o mundo.

Swigget, vista a ABE, e em reunião do Conselho Diretor, expõe três objetivos de sua vinda ao Brasil, eram eles: formação de uma Federação que pudesse abarcar todas as federações de ensino americanas, criação dos concursos de oratória e a instituição no Brasil da Semana de Educação “á semelhança que se faz com optimos resultados na América do Norte”⁸. Em pouco tempo, mais precisamente, em 30 de maio, já estava confirmada a realização da Semana de Educação. “Deliberou-se realizar em outubro próximo, no Districto Federal, sugerindo-se que o mesmo faça nos diversos Estados, a ‘Semana de Educação’, à semelhança do que se faz na América do Norte e em outros países”⁹. A comissão organizadora foi composta por: Celina Padilha¹⁰, Carlota de Oliveira Lyra da Silva e o médico Candido de Mello Leitão.

Sob o lema Educar-se é Vencer, o evento procurava introjetar no povo uma ‘profunda compreensão do papel da educação na vida’ e “guiando a infância para um ideal de perfeição physica, mental e moral”¹¹.

⁶ Boletim ABE Ano IV, nº 12, agosto de 1928.

⁷ Atas Conselho Diretor 14, maio de 1928.

⁸ Idem.

⁹ Correio da Manhã, 30 de maio de 1928.

¹⁰ Presidente da Seção de Ensino Primário.

¹¹ Boletim ABE Ano IV, nº 12, agosto de 1928.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

A nação que melhor vele pela sua meninice dominará a todas as outras em saúde, inteligência, moralidade, eficiência e felicidade. Alcançará os mais altos anos de prosperidade nacional, tanto material como espiritual. Estas palavras de propaganda da Semana Americana de Educação, sirvam, pela evidencia de seus conceitos, de lema à “Semana Brasileira”¹².

Percebemos aqui a ideia de entusiasmo pela educação como a redentora dos problemas da nação, e ainda a infância como a realizadora deste projeto. A escolha da infância como foco das intervenções de educação, tem como base a teoria de que a criança é massa moldável possuindo uma plasticidade que é capaz de adquirir facilmente, através da pedagogia moderna, hábitos de civilidade (ROCHA, 2003).

O programa da primeira SE ficou definido da seguinte maneira.

A 1º Semana da Educação, realizada de 8 a 14 de outubro de 1928, ficou dividida pelos seguintes temas: segunda-feira 8, “Dia da Saúde” – Educação sanitária nos jardins de infância. Apresentação dos pelotões de saúde das diversas escolas primárias. Conferencias nos lyceus para maiores esclarecimentos, sobre os vícios e suas influencia nefasta. Apresentação de films de propaganda sanitária. Visitas as repartições sanitárias e a escola de mãezinhas. Fundação de escolas de mãezinhas. Terça-feira 9, Dia do Lar - O lar como primeira escola. Sessões solenes em todos os círculos de paes e professores. Resenha dos trabalhos executados durante o anno. Visitas as escolas domésticas. Conferencias pelos mestres sobre a influencia educadora do lar. Conferencia nos lyceus de meninas sobre o papel da mãe de família. Quarta-feira 10, Dia do Mestre – Reuniões festivas em todas as escolas e collegios com a presença dos paes. Sessão solene em que na presença das altas autoridades, serão saudados o magistério, primário, secundário e superior, na pessoa de um “professor eméritus” de cada um desses graus. Nas escolas collegios e academias, resumo da historia do ensino de respectivo grão no Brasil, com os nomes principaes desse ensino. Exposições escolares nas sedes dos districtos. Exposições de trabalhos manuaes e de desenhos de escolas do Districto Federal e do Estados na sede da A.B.E. Quinta – Feira 11, Dia da Vocação – Propaganda junto as escolas primárias e institutos secundários em favor da vocação profissional, estabelecidas sobre bases científicas. Estabelecimento de fichas de vocação profissional nas escolas primárias, a serem revistas no meio e no fim do ensino secundário. Visitas as escolas profissionaes. Escolas para operários. Sexta – Feira 12, Dia da Creança – Festas ao ar livre com o concurso de alumnos de todas as escolas. Promover visitas e despertar o interesse do povo pelas creches, gottas de leite e dispensários infantis com sua função educativa das mães e seu papel na eugenia. Promover a fundação da gotta de leite. Sábado – 13, Dia da Natureza e da Arte – Visitas ao Jardim Botânico, á Escola de Bellas Artes á Pinacotheca e ao Museu Nacional, despertando nas creanças o amor pelas coisas da Natureza á protecção das aves e das plantas.

¹² Idem.



Nos Estados podem ser promovidos passeios a bosques públicos ou pontos pittorescos de interesse para fim educativo.¹³

A ABE se dividia em várias seções, sendo uma delas a Seção de Educação Física e Higiene, fundada em 1926, foi objeto de tese de doutorado da professora Linhales (2006). Esta seção nos dá uma ideia de como estava organizada a educação física dentro da ABE.

[...] a Seção experimentou, ao longo de sua existência, diferentes níveis de envolvimento com as duas temáticas (a educação física e a higiene). No seu nascedouro, a higiene teve papel preponderante. Campanhas instrutivas para higienizar o povo e cursos de aperfeiçoamento em higiene, destinados às professoras primárias, constituíram prioridades entre 1925 e 1928. Essas ações eram sempre coordenadas por médicos atuantes na ABE como em outras entidades e redes de sociabilidade que priorizavam a educação higiênica e sanitária. Educação e higiene foram pensadas e produzidas, na ABE, de forma bastante correlacionadas, como duas dimensões complementares no projeto “sanitário” da regeneração social (LINHALES, 2006, p. 152).

Assim buscamos entender como a educação física foi utilizada no projeto educador da ABE, em específico, na Semana de Educação.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA SEMANA DE EDUCAÇÃO

A educação física, como estratégia higienista, tinha espaço no debate educacional do período. Segundo Góis Junior (2013),

A inserção da Ginástica no contexto escolar teve uma relação muito próxima com os objetivos higienistas. De um lado os médicos viam na educação física dos jovens uma estratégia de disciplinarização e inculcação de hábitos saudáveis. Do outro os instrutores viam a medicina como referência científica necessária para legitimar suas práticas (p. 149)

Desse modo, ao direcionamos nosso olhar especificamente para o “Dia da Saúde”, poderíamos encontrar referências às práticas corporais no contexto escolar, pois a literatura nos mostra uma forte ligação entre saúde e educação física. “Começando pelo ‘Dia da Saúde’, a Semana de Educação visará os mais urgentes problemas da vida culta em nossos dias reservando para cada um deles a palavra autorizada dos mestres e especialistas mais competentes do nosso meio”¹⁴.

Um dos dias dessa semana, na qual se pretende sagrar o ensino, será dedicado à saúde dos escolares e o assumpto me agrada mais do que qualquer outro, porque estou oficialmente interessado na solução desse problema, do qual há anos, sempre que a oportunidade assim me favorece,

¹³ Boletim ABE Ano IV, nº 12, agosto de 1928. O programa também consta em diversos jornais e são idênticos.

¹⁴ Jornal O Paiz, 7 de outubro de 1928.



cuido, certamente sem autoridade mais com amor. Como pretende a Semana de Educação cultivar a higiene escolar? Por meio de conferências, que sirvam para disseminar noções de saúde úteis à infância e à adolescência; pela exibição de filmes educativos, e pela apresentação de pelotões de saúde em diversas escolas primárias¹⁵

O programa do “Dia da Saúde” foi o seguinte:

Segunda-feira dia 8, “Dia da Saúde” – Educação sanitária nos jardins de infância. Apresentação dos pelotões de saúde das diversas escolas primárias. Conferências nos liceus para maiores esclarecimentos, sobre os vícios e suas influências nefastas. Apresentação de filmes de propaganda sanitária. Visitas às repartições sanitárias e a escola de mãezinhas. Fundação de escolas de mãezinhas.¹⁶

No jornal o Correio da Manhã de 7 de outubro de 1928, podemos apreciar um programa mais específico do “Dia da Saúde”, que contaria com, Sessão solene na ABE com a presença do diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, Conferência sobre “Educação Hygienica” pelo dr Belizário Penna, exposição sobre “higiene pedagógica” no salão nobre da ABE, serão lidos conselhos de “higiene nas escolas primárias, distribuição de folhetos e cartazes sobre higiene”, conferência pelo rádio “Alimentação racional e saúde”, inclusão de “filmes de higiene” na programação dos cinemas e inclusão de sermões na igreja sobre “higiene”

Se tivéssemos utilizado para este estudo somente os documentos oficiais da ABE, tenderíamos a afirmar que a educação física não participou da 1º Semana de Educação. Mas, ao direcionarmos nossos olhares para os diferentes tipos de fontes podemos afirmar que sim, ela esteve presente. Vale observar que não foram encontradas, nos periódicos, evidências da prática de educação física na SE.

Através dos relatórios dos diretores escolares enviados a ABE, contabilizamos treze escolas que participaram da SE e enviaram seus relatórios¹⁷. Os relatórios eram de construção livre, ou seja, não havia um modelo previamente construído. Por isso temos documentos, manuscritos, datilografados e carbonados, alguns são bem diretos nas suas narrativas e outros, bem abrangentes.

Dos treze relatórios identificamos que em todas as escolas os preceitos higiênicos foram abordados por meio de cartazes, palestras, poesias e hinos. Dessas treze, quatro escolas,

¹⁵ Correio da Manhã, 19 de setembro de 1928.

¹⁶ Boletim ABE Ano IV, nº 12, agosto de 1928 e Jornal O Paiz 7 de outubro de 1928.

¹⁷ Índícios nos mostram que mais escolas participaram da Semana de educação.



tiveram a prática da educação física. Aqui tentarei expor a tônica do “Dia da Saúde”, para posteriormente tratar somente da presença efetiva e prática da educação física.

O colégio Bennett estabeleceu “um concurso de cartazes que melhor ilustrassem os princípios de hygiene”, já no curso Jacobina “falou Belizário Penna fazendo apologia da saúde”; na escola Benjamin Constant foi lembrado “os meios eficazes para a conservação da saúde, isto é, hygiene do corpo, do lar e cuidados com a alimentação. Recomendou-se na escola Francisca Cabrita: exercícios físicos, “preleção sobre a utilidade e os fins da Hygiene, distribuição de escovas de dentes e posteriormente um concurso para verificação da limpeza dos dentes”; na escola Francisco Manuel, foi inaugurado o pelotão de saúde, preleção sobre a prática dos preceitos higienicos salientando a sua necessidade” e ainda “conferência para os alunos sobre ‘Os vícios e sua influência nefasta’; na escola Júlio de Castilho, “limitou-se as professoras a preleções sobre preceitos de hygiene”; na escola Manoel Cícero cartazes e palestras; escola Prefeito Alvin “houve em cada classe uma palestra a respeito do dever de cada um zelar pela sua saúde” e “no recreio a diretora falou sobre vícios, concitando os alumnos a evita-los”¹⁸. Estes foram exemplos para mostrar que a tônica do “Dia da Saúde”, foi guiada mais pelo falar do que pelo agir.

Nas correspondências¹⁹ trocadas pela ABE com várias entidades públicas e privadas, em relação ao “Dia da Saúde”, temos carta ao Arcebispo com pedido que os padres dessem sermões sobre Hygiene, e convite ao diretor do Departamento Nacional de Saúde para ser o presidente da sessão solene que ocorreria na ABE.

Este caráter, eminentemente, teórico do “Dia da Saúde” e por conseguinte da SE, foi criticado pelos jornais. Por exemplo, publicou o “Correio da Manhã” em 19 de setembro de 1928

“Serão seis dias em que, por meio de conferencias, exhibições, de reuniões entre mestres e discípulos, entre paes e educadores, igualmente interessados pelo grande problema, far-se-á merecido ruído em torno de um thema, que a despeito de muito usado na boca e na pena dos pensadores, continua quasi tão distante da realidade, entre nós, como os habitantes de marte.”

De fato, apenas nos relatórios de realizações, como exemplo, o feito pelo Dr. Candido de Mello Leitão, faz constar em um parágrafo de três linhas que “Na escola Manoel Cícero houve pela manhã uma parada sportiva para demonstração de cultura physica e jogos

¹⁸ Pasta Semana de Educação. Acervo ABE.

¹⁹ Idem.



gymnasticos com prêmios aos vencedores”²⁰, observamos um caráter de intervenção mais próximo às escolas.

Dos treze relatórios apenas quatro informaram a ABE que haviam realizado algum tipo de atividade física. Na escola Afonso Pena, após as dez horas “seguiram-se recitativos e um número de gymnastica pelos alunos do 4º ano”, no turno da tarde, “houve poesias e gymnastica pelos alunos do 4º ano”; na escola Prudente de Moraes o primeiro ano foi contemplado com “jogos educativos sobre objetos de higiene”; para a escola Equador “houve também em cada dia da Semana uma parte recreativa constando de exercícios gymnasticos” e por último a escola Manoel Cícero, a única escola que aparece no relatório de realizações, onde “fez-se uma demonstração de cultura physica que terminou por jogos sportivos com prêmios aos grupos vencedores. Os prêmios foram petecas.”²¹

Podemos perceber através dos relatórios que a educação física figurou pela SE, mas não da forma que os médicos higienistas a exaltavam no campo do discurso, e sim, de forma, secundária. Os silêncios da primeira SE sobre a educação física evidenciam que a mesma ainda não era percebida como central no projeto de educação higienista da ABE. Ou, ainda, que as escolas não estivessem, de certa forma, preparadas para receber a educação física. Qual seja a explicação sobre estes silêncios, a SE brasileira se distanciava da norte-americana neste aspecto, pois a cultura educacional dos ginásios norte-americanos dava centralidade a uma pedagogia dos jogos, e à educação física.

Destarte, se a intenção dos abeanos era de levar à infância o que de mais novo se fazia à moda norte-americana no que, tangia à educação e à educação física, deixemos Pereira relatar ao que possivelmente se resumiu à educação física na SE, “conferencias aqui e acolá, enfim só ou quase só palavreado, antithese flagrante a educação que necessita a criança dos nossos dias”²².

Concluimos que ao analisar o papel da educação física na Semana de Educação da ABE, evento de cunho nacional que buscou mostrar a importância da educação para o povo e guiar “a infância para um ideal de perfeição physica, mental e moral”²³, que as estratégias

²⁰ Relatório de Realizações. Pasta Semana de Educação. Acervo ABE.

²¹ Relatório das Escolas. Pasta da Semana de Educação. Acervo ABE.

²² Gazeta de Notícias, 16 de maio de 1928.

²³ Boletim ABE Ano IV, nº 12, agosto de 1928.



higienistas, como a educação física, ainda não estavam amadurecidas no evento brasileiro, pois, de fato, ela não foi representada à altura das suas possibilidades de intervenção.

PHYSICAL EDUCATION IN ABE'S EDUCATION WEEK - 1928

ABSTRACT

The paper examines the presence of physical education at the event The Education Week, held in primary schools of Rio de Janeiro in 1928. For this used as sources: Activity Report, correspondence, Bulletin of the ABE activity report of the schools, the report General Directorate of Public Instruction and newspapers. It was concluded that physical education has not participated in formal but informal way

EDUCACIÓN FÍSICA EN LA EDUCACIÓN SEMANA DA ABE - 1928

RESUMEN

El documento analiza la presencia de la educación física en el evento La Semana de la Educación, celebrado en las escuelas primarias de Río de Janeiro en 1928. Por esta utilizado como fuentes: Informe de actividades, correspondencia, Boletín del informe de actividad ABE de las escuelas, el informe Dirección General de Instrucción Pública y periódicos. Se concluyó que la educación física no ha participado en manera formal pero informal.

REFERÊNCIAS

- ARÓSTEGUI, J. A pesquisa histórica. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.
- CARVALHO, M. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.
- CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2012
- GÓIS, E. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do XX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 139-159, jan/mar de 2013.
- HOCHMAN, G. *A era do saneamento*. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- LINLHALES, M. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. São Paulo: Cortez, 2009.



- LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARTINS, L. A educação do corpo nas duas primeiras Conferências Nacionais de Educação da Associação Brasileira de Educação (1927 e 1928). 2010. 141 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Departamento de Educação, Unicamp, São Paulo, 2010.
- NAGLE, J. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo: EPU, 1974.
- PROST, A. *Doze Lições sobre História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista, Brasil 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- ROCHA, H. Educação e higienização da infância. *Cad, Cedes, Campina*, v. 23, n. 59, p. 39-56, abril 2003.
- SALIBA, E. Cultura. In SCHWARCZ, L. (org). *A abertura para o mundo 1889-1930*. São Paulo: Objetiva, 2012. p. 239-294
- SEVCENKO, Nicolau. *Revolta da Vacina: Mentres insanas em corpos rebeldes*. Rio de Janeiro: CosacNaify, 2010.
- SCHWARCZ, L. População e sociedade. In SCHWARCZ, L. (org). *A abertura para o mundo 1889-1930*. São Paulo: Objetiva, 2012. P. 35-84
- SILVA, J. C. S. *Teatros da Modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920*. Tese (Doutorado), EDUERJ, Rio de Janeiro, 2009.
- SIMONINI, L. A. Para o Brilhantismo das semanas de educação (1928-1935): O apoio concedido à iniciativa na correspondência da Associação Brasileira de Educação. In VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação, 2006, Uberlândia: COLUBHE, 2006 v. 1 p. 5590-5598.
- STEPHANOU, M. Práticas educativas da medicina social: os médicos se fazem educadores. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v 2, p. 145-168, setembro 1997.
- VIEIRA, C. E. *Jornal Diário como fonte e como Pesquisa em História da Educação*. In: TABORDA, M.A. (Org.). *Cinco Estudos em História e Historiografia da Educação*. BH: Autentica, 2007, p. 11-40.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ARQUIVOS HEMEROTECA DIGITAL

A ESQUERDA

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=297984&pasta=ano%20192&pesq=Nacional%20Education%20Association>

CORREIO DA MANHÃ

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_03&pasta=ano%20192&pesq=semana%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_03&pasta=ano%20192&pesq=hygiene%20escolar

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_03&pasta=ano%20192&pesq=Dia%20da%20Sa%C3%BAde

GAZETA DE NOTÍCIAS

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_05&pasta=ano%20192&pesq=semana%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o

O PAIZ

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&PagFis=35738&Pesq=semana%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o